

# CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE CLASSIFICAÇÃO PARA *PODCASTS* NA EDUCAÇÃO\*

Eugênio Paccelli Aguiar Freire,  
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

---

RESUMO: A incipiência do *podcast*, tecnologia de oralidade distribuída sob demanda, marca o caráter pouco desenvolvido das estratégias de classificações referentes a essa tecnologia no âmbito da educação. Partindo da ainda parca literatura da área, este artigo, oriundo da tese *Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação*, busca analisar as classificações apresentadas por Medeiros (2005) e Carvalho (2009), observando, para isso, a coerência de seus critérios e a relação destes com as possibilidades de uso educativo da tecnologia em questão. Tal análise, acrescida da observação do cenário de uso social dessa tecnologia e de pesquisas da área, servirá de subsídio à elaboração de uma nova proposta de classificação de *podcasts*, realizada a partir da conclusão de que, para isso, necessita-se de critérios coerentes e articulados com os diversos modos atuais de utilização daquela tecnologia, quesito inicial de sua consideração em práticas educativas.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias de oralidade. Tecnologia educacional. Classificação. Oralidade digital.

---

## INTRODUÇÃO

O uso do *podcast* para fins educativos é objeto de análise de um número crescente de estudos acadêmicos. Apesar disso, o pouco tempo de existência dessa tecnologia, cuja origem remonta a meados da década de 2000, marca a incipiência de sua análise em estudos acadêmicos. Nesse cenário, são igualmente recentes as proposições relacionadas à classificação

---

\* Artigo recebido em 25/10/2012 e aprovado em 17/07/2013.

das diversas modalidades de uso do *podcast*. Nesse intuito, Medeiros (2005) e Carvalho (2009) apresentam, cada qual, sua própria estratégia de classificação.

Após definido o referencial de *podcast* norteador deste estudo, por meio de uma breve revisão analítica da literatura da área, as proposições daqueles autores serão aqui analisadas de modo a observarem-se seus critérios e o rigor de suas construções. Na busca pela ampliação da ainda parca discussão sobre classificações de *podcasts*, tal análise servirá como ponto de partida para a proposição de uma nova estratégia de classificação, pautada pela busca por critérios educativos claros, coerentes e constituídos de maior rigor em sua elaboração. Nesse intuito, o modo de produção dos *podcasts* será elencado como critério basilar. Esse critério será eleito mediante a observação de sua forte influência na determinação das particularidades usuais dos diversos tipos de *podcast* atualmente produzidos.

Em vista disso, as proposições elaboradas poderão contribuir para a ampliação do entendimento acerca da tecnologia *podcast* em suas diversas modalidades de uso, propiciando, assim, maiores subsídios para sua inserção em projetos educativos.

## A TECNOLOGIA *PODCAST*

Do ponto de vista técnico, o *podcast* é “um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na Internet” (PRIMO, 2005, p. 17). Resumidamente, nesse âmbito, pode ser referido como um arquivo digital de áudio, disponível on-line, que, em vez de uma música, contém programas que podem fazer uso de falas, músicas ou de ambos.

É possível afirmar que não haveria como considerar o *podcast* educativamente apenas por seus aspectos técnicos. Essa assertiva sustenta-se na observação de que, se tais características propiciam possibilidades, não consistem, no entanto, necessariamente em efetividades (ANDRADE, 2007). Por essa acepção, não é a técnica que determina em maior medida as implicações de uma tecnologia na educação, e sim o seu uso. Assim, não serão a velocidade e o nível de sofisticação de suas funções que irão caracterizar os desdobramentos do uso de um *smartphone* na educação, e sim o seu modo de utilização pelos sujeitos. Caso seja manuseado apenas para tirar fotos, em que medida será diferente de uma câmera fotográfica? Caso acabe servindo exclusivamente para jogos, como irá diferir-se de um videogame? Por esse prisma, o que pautará uma tecnologia na educação será uma consideração dada a partir do uso que dela fazem os sujeitos, tendo as características técnicas envolvidas como secundárias.

Esse posicionamento reflete-se na observação do cenário de *podcasts* nacionais, mais especificamente no que concerne aos destinados aos surdos. Por mais paradoxal que aparente ser, o exercício dessa modalidade de produção é uma realidade. O *podcast* para surdos atende a um público surpreendentemente significativo, como exprime Beatriz Kunze (2011), produtora do “Podsemfio” em sua versão para surdos, quando afirma que “não imaginava que tinha tantos leitores com problemas auditivos ou visuais”<sup>1</sup>

O *podcast* para surdos, cabe esclarecer, consiste na

reprodução em texto das falas dos participantes dos programas. Dessa forma, [...] esse modo, ainda que não utilize arquivos de áudio, mantém uma ligação direta com a oralidade – marca principal do *podcast*. As transcrições das falas são distribuídas atualmente, em geral, através de arquivos pdf – formato digital de texto. Desse modo, por não se tratar de arquivos em áudio, não é possível inseri-los na conceituação corrente de *podcast* apresentada pelos diversos autores que estudam essa tecnologia. Apesar disso, seu caráter de reprodução da oralidade presente nesse conteúdo em áudio lhe possibilita gozar de grande parte da natureza dos programas falados, trazendo no texto, em grande medida, o modo peculiar da fala. (FREIRE, 2011, p. 201)

Embora não seja possível afirmar que exista simetria entre uma transcrição e uma gravação de voz, tampouco é possível equiparar aquela a uma elaboração originalmente escrita. Desse modo, a transcrição inclina-se à oralidade. Tal oralidade desvela-se como intenção clara do *podcast* para surdos de Kunze (2011), comprometido em “passar a linguagem falada para o texto.”<sup>2</sup>

Diante da contradição exposta, como pensar o *podcast*? Como definir um *podcast* – considerado programa de áudio – como um arquivo de texto? A resposta relaciona-se à consideração não técnica, e sim conceitual da tecnologia.

A partir dessa ótica conceitual, uma tecnologia é definida não pelo objeto e seus aspectos técnicos, e sim pelo “fazer” que proporciona. Por esse viés, um computador será considerado máquina de escrever caso seu uso direcione-se apenas para a prática de digitação de textos. Afinal, ainda que possua inúmeras outras funções, o que acabará por definir seu teor será o uso pelos sujeitos: se será um computador, tecnologia multimídia ou simplesmente uma máquina de escrever com funções extras. Por meio desse exemplo, é possível observar como o modo de uso da tecnologia pelos sujeitos molda aquelas, constatação esta que sublinha a pertinência da consideração conceitual da tecnologia.

A partir desse modo de consideração, o *podcast* igualmente é definido em razão de seu uso. Em vista disso, essa tecnologia pode ser referida como um modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob

demanda e focados na reprodução de oralidade e/ou de músicas/sons. Na definição proposta, a produção livre insere-se como importante fator de caracterização do *podcast*. Nessa medida, marcam essa tecnologia a liberdade de qualquer usuário da Internet poder produzir programas virtualmente, utilizar formas de expressão verbal as mais diversas, abrir-se aos distintos timbres vocais e temáticas as mais diversificadas, tomar posicionamentos menos usuais, além da maleabilidade da escuta em tempos e locais diversos.

Diante de tal conceituação, pode-se até mesmo falar de *podcasts* “pré-digitais”, em referência a programas marcados pelos mesmos aspectos livres, porém distribuídos por sujeitos que utilizaram tecnologias anteriores: fitas cassete, transcrição em papel de debates, CDs e afins.

Entendendo o *podcast* como um modo particular de reprodução de oralidade, a definição relatada contempla tanto *podcasts* em áudio quanto aqueles para surdos, por ambos reproduzirem, ainda que em medidas distintas, conteúdo oral.

A conceituação exposta também elimina o paradoxo na ideia de um *podcast* para surdos. Isso ocorre por tal formulação seguir critérios articulados com o teor humano da educação, distantes do privilégio ao técnico, este observado nas definições atuais dessa tecnologia na literatura da área. Exemplos de tal privilégio são perceptíveis nas elaborações de Moura e Carvalho (2006), para os quais o *podcast* é uma “forma de publicação de programas de áudio, vídeo e imagens na Internet” (p. 88); Bottentuit Junior, Lisbôa e Coutinho (2007), quando afirmam que “entende-se por *podcast* uma página, site ou local onde os ficheiros áudio estão disponibilizados para carregamento”; Williams (2007), ao sustentar que “*podcast* é um método para produzir conteúdo de áudio e vídeo disponível regularmente via web”.<sup>3</sup> Acrescendo-se a observação de outros autores, como Cebeci e Tekdai (2006), Assis, Salves e Guanabara (2010), é válido afirmar, portanto, que, considerando a literatura da área, o foco nos aspectos técnicos é tomado como referência nas definições atuais de *podcast*.

Desse modo, a ótica conceitual apresentada emerge como um distinto modo de consideração da tecnologia por um viés educativo. Por essa razão, tal definição será aqui tomada como referência na análise e proposição de uma nova estratégia de classificações de *podcasts*.

#### PROPOSIÇÕES DE CLASSIFICAÇÕES DE *PODCASTS* NA LITERATURA DA ÁREA

A literatura da área ainda registra poucas proposições de classificação de *podcasts*. Carvalho (2009, p. 7) determina sua diferenciação entre tipos de *podcast*, classificando-os como:

- **Expositivo/Informativo**, pode incidir sobre a apresentação de um determinado conteúdo, uma síntese da matéria leccionada; um resumo de uma obra, um artigo, uma teoria; uma análise; excerto de textos; poemas; casos; explicações de conceitos, princípios ou fenômenos; descrição do funcionamento de ferramentas, equipamentos ou software, entre outros;

- **Feedback/Comentários**, como o próprio nome indica, incide sobre o comentário crítico aos trabalhos dos alunos, devendo esse comentário ser sempre construtivo, salientando os aspectos positivos bem como os aspectos a melhorar, propondo alternativas;

- **Instruções/Orientações** disponibiliza indicações e/ou procedimentos para realização de trabalhos práticos; orientações de estudo; recomendações etc.;

- **Materiais autênticos** são produtos feitos para o público, não especificamente para estudantes.

São exemplo as entrevistas da rádio, telejornal, entre outros. A expressão é comumente usada no ensino das línguas estrangeiras e designa produtos feitos pelos nativos de uma língua para ser consumida pelos nativos dessa mesma língua. [Grifos do autor]

A classificação proposta por Carvalho não contempla especificamente a captura de falas da sala de aula com vistas à disponibilização posterior, como dado no portal *iTunesU*,<sup>5</sup> onde qualquer usuário tem acesso a uma biblioteca em áudio de milhares de aulas e palestras realizadas em grandes universidades de vários países, como Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Inglaterra. Pela classificação proposta pelo autor, os materiais de registro de aulas do *iTunesU* seriam relacionados ao tipo "Expositivo/Informativo", tanto quanto uma produção dada em estúdio, concebida e realizada, em todas as suas etapas, como *podcast*.

A ausência de diferenciação entre *podcasts* produzidos para essa tecnologia e aqueles que tratam da gravação de exposições em sala de aula mostra-se equivocada, se consideradas as particularidades de uso da tecnologia em questão. Isso se justifica pelas considerações expostas a seguir.

O *podcast* é marcado por maiores necessidades de dinâmica, por causa da usual atenção dividida do ouvinte,<sup>6</sup> em comparação com uma explanação em aula tradicional, na qual o aluno encontra-se em situação de exposição exclusiva aos falantes daquele contexto. Desse modo, revela-se pouco criteriosa a inserção, em um mesmo grupo, de um *podcast* composto da captura de uma palestra, pautada por falas direcionadas a um contexto de exposição exclusiva, e de outro elaborado a fim de contemplar uma situação de atenção dividida, típica da escuta de *podcasts*, e, por isso, marcada por falas mais dinâmicas e edição direcionada a dispor celeridade ao programa.

Mesmo em um cenário de escuta exclusiva do *podcast*, sua carência de possibilidades de expressão direcional, ao contrário da fala capturada de um palestrante, à utilização de uma linguagem que não cite exemplos visuais ou gestuais, o que tornaria confuso o entendimento por parte do ouvinte. Assim, uma produção de conteúdo original tende a possuir distinções relevantes em relação a outra produzida a partir da captura de conteúdo de um contexto diferente. Em vista disso, o caráter de produção acaba por marcar de forma significativa o teor de um *podcast*, necessitando, portanto, ser utilizado como critério de classificação.

A desconsideração desse critério produtivo acaba por aglutinar produções distintas, se vistas por uma ótica educativa. Por tal razão, percebe-se haver uma substancial diferença entre um *podcast* classificado como “Expositivo/Informativo”, realizado como uma produção original, e outro da mesma categoria feito a partir de registro de uma fala terceira. A distinção citada mostra-se maior que aquela perceptível entre as categorias “Feedback/Comentários” e “Instruções/Orientações”. Essa afirmativa sustenta-se na observação de que a primeira remete a um “comentário crítico aos trabalhos dos alunos”, enquanto a segunda trata “de indicações e/ou procedimentos para realização de trabalhos práticos” (CARVALHO, 2007, p. 7). Em suma, ambas constituem-se essencialmente de informes do professor realizados via *podcast*. É possível ressaltar que a disposição das categorias acaba por exprimir, ainda, um teor de privilégio aos docentes, pouco considerando o potencial produtivo dos alunos no uso da tecnologia em análise.

A desconsideração do modo de produção como critério de classificação, presente na estratégia de Carvalho (2007), também é perceptível na proposição de Medeiros (2005). Segundo o autor, é possível “classificar os *podcasts* em quatro modelos diferentes: o modelo “metáfora”, o modelo “editado”, o modelo “registro” e o modelo “educacional” (p. 5).

Ainda segundo Medeiros (2005, p. 5-6),

O modelo “Metáfora” é assim classificado pois possui características semelhantes a um programa de rádio de uma emissora convencional (dial), com os elementos característicos de um programa como: locutor/apresentador, blocos musicais, vinhetas, notícias, entrevistas etc.

[...]

O modelo “Editado” surgiu como uma alternativa para aqueles ouvintes que perderam a hora do seu programa favorito, mas ainda desejam ouvi-lo. As emissoras de rádio editam os programas que foram veiculados na programação em tempo real, disponibilizando-o no seu site para ser ouvidos à posteriori pelo ouvinte “descuidado”.

[...]

Um outro modelo de *Podcast* pode ser chamado de “Registro”. Os registros são também conhecidos com “audioblogs”. Estes modelos são os mais curiosos e possuem temas muito diversos. É possível encontrar *podcasts* com conteúdos que vão dos mais específicos como notícias e comentários de tecnologia Macintosh, sermões de padres, guias de turismo, ou até mesmo “desabafos em um congestionamento”.

[...]

O último modelo [...] são os “Educaçãoais”. Através desse modelo de *podcast* é possível disponibilizar aulas, muitas vezes em forma de edições continuadas, semelhantes aos antigos fascículos de cursos de línguas que eram vendidos nas bancas de revistas.

A proposta do autor revela a ausência de um critério uniforme. Nessa estratégia de classificação, os critérios ora apontam para o formato do programa, ora para o modo de distribuição e, em um terceiro momento, direcionam-se ao conteúdo.

O modelo “Metáfora” é determinado, a partir da forma do programa, a fazer uso de um modelo análogo ao do rádio. Esse formato encontra-se igualmente presente na categoria “Editado”, que é assim caracterizada não por sua forma – afinal, por tratar-se de programa radiofônico, seria indistinto do “Metáfora” –, mas essencialmente por seu modo de distribuição, alterado de uma transmissão em tempo real para uma distribuição sob demanda. Por fim, os modelos “Registro” e “Educaçãoais” utilizam critérios também distintos, pois não focam nem no modo de distribuição nem no formato dos programas. Aquelas categorias, na verdade, são determinadas por seu conteúdo. Assim, os *podcasts* “Registro” são os que possuem temas bastante diversificados, em uma modalidade na qual o autor aparenta referir-se a programas elaborados originalmente para esse formato, embora isso não seja explicitado. Por último, a categoria “Educaçãoais” refere-se a *podcasts* cujas temáticas remetam a conteúdos de aulas, com ênfase em produções originais, como “antigos fascículos de cursos de línguas que eram vendidos nas bancas de revistas” (MEDEIROS, 2005, p. 6).

Dessa forma, o modo de classificações exposto, por prescindir de uniformidade em seus critérios, acaba por apresentar dificuldade em definir, por exemplo, se um *podcast* escolar produzido em uma estrutura radiofônica consistiria de um *podcast* “Metáfora”, por causa de seu formato, ou “Educaçãoal”, em razão de seu conteúdo. Ainda, caso um programa de rádio educativo fosse distribuído por *podcast*, pertenceria à categoria “Editado” ou “Educaçãoal”? Em razão disso, a falta de critérios uniformes revela-se comprometedor do rigor da estratégia de classificação em análise.

Além dos fatores expostos, importa ressaltar que, como afirma Andrade (2012), o caráter educativo de produções tecnológicas pode dar-se

a partir de formatos os mais diversos, desde que se dediquem ao estudo regular dos conteúdos ou das formas desses materiais, englobando aspectos como seu contexto de produção e de uso, entre outros. Desse modo, torna-se pouco adequada a divisão de categorias elaborada por Medeiros, em vista da observação de que, efetivamente, todos os modelos citados poderiam ser classificados como “educacionais”.

Os quesitos apontados marcam, deste modo, a necessidade da elaboração de uma estratégia de classificação do *podcast* a partir de critérios mais rigorosos, além de educativamente relevantes para a determinação do teor específico das diversas possibilidades de uso daquela tecnologia em âmbito educativo.

#### CLASSIFICAÇÃO DE *PODCASTS*

Mediante um olhar analítico direcionado à bibliografia da área, cabe afirmar ser possível elaborar, de modo sistematizado, uma classificação de *podcasts* tendo seu modo de produção como critério classificatório.

Nesse direcionamento, o *podcast* pode ser elaborado a partir de três fontes básicas: assimilação de material de outro veículo, material de registro e produção original. É possível, portanto, tendo o modo de produção como critério, classificar os *podcasts* em Ampliação Tecnológica, Registro e Produção Original.

O *podcast* Ampliação Tecnológica é aquele cujo formato digital de áudio é utilizado para a distribuição on-line de conteúdos já previamente produzidos para outras tecnologias, de modo a constituir um *podcast* híbrido, no qual se encontram características de tecnologias distintas. Exemplos desse modo de elaboração de *podcasts* são a disponibilização em formato MP3 de programas de rádios, como alguns das emissoras brasileiras CBN<sup>7</sup> e Rádio Bandeirantes,<sup>8</sup> bem como de emissoras portuguesas da Rádio e Televisão de Portugal (RTP).<sup>9</sup> O mesmo ocorre na reutilização, convertidos em arquivo digital, de materiais como áudio-livros, áudios extraídos de fitas cassetes de aulas de línguas, captura do áudio de programas de TV, de notícias e afins.

O *podcast* Registro consiste na captura do áudio de um determinado evento, como uma aula ou palestra. Exemplos desse tipo são os *podcasts* agregados pelo sistema *iTunesU*. Essa modalidade de *podcast* mostra-se, a princípio, de realização tecnicamente mais simples, por prescindir, na maioria das vezes, do processo de edição, resumindo-se apenas à captura sonora. Tal registro pode ser realizado com equipamentos diversos, que vão desde tocadores de MP3,<sup>10</sup> telefones celulares com capacidade de gravação



e gravadores digitais, até microfones em uso com computadores, além de outros dispositivos de registro de áudio.

O *podcast* Produção Original é aquele já produzido como *podcast* desde seu princípio. Embora, por vezes, seja elaborado sem edição, os *podcasts* de maior acesso<sup>11</sup> costumam ser marcados pelo cuidado técnico e pela edição, na tentativa de ceder um bom ritmo aos episódios, bem como na busca por formatar os debates e a intercalação das falas dos participantes de modo a tornar o material interessante, leve e divertido. A qualidade técnica, nessa categoria classificativa, também é potencialmente acentuada, com maior controle de ruídos externos, em razão da usual escolha de ambientes propícios para gravações, proporcionando melhor qualidade de captação sonora. Exemplos de *podcasts* Produção Original são o *Nerdcast*,<sup>12</sup> vencedor de vários concursos da área,<sup>13</sup> e o *Escreba Café*,<sup>14</sup> voltado à literatura.

A utilização do modo de produção como critério de classificação justifica-se em razão da forte influência desse fator na determinação das características de um *podcast*. Isso pode ser percebido com a reflexão a seguir.

Ainda que sejam ambos distribuídos em *podcast*, um programa Ampliação Tecnológica tende a diferenciar-se significativamente de um Produção Original. Isso ocorre porque um programa produzido a partir da captura de outra tecnologia costumar trazer em si as características próprias daquela delineando a linguagem, que acaba sendo transposta para o novo formato. Desse modo, um *podcast* composto por um programa de rádio contará com características próprias do rádio, como a vinculação dos temas aos interesses mercantis da empresa que o produz, a utilização de falas normalmente alheias ao uso de gírias menos disseminadas e palavras, além da escolha de falantes baseada em timbres vocais dentro de um caráter estético padrão (a conhecida “voz de locutor”, impostada e grave). Pode-se afirmar que, mesmo em produções radiofônicas sem vínculo empresarial, como as das rádios comunitárias, é possível verificar a exclusão de temas menos comuns. Essa perspectiva advém da inclinação dessas produções, detentoras de maiores demandas produtivas, tendo em vista sua maior periodicidade, a se associarem à necessidade de acordos entre um maior número de produtores.

Um *podcast* Produção Original, ao contrário, pode ser produzido por equipes menores, até mesmo por uma única pessoa, proporcionando maior autonomia a seus produtores, o que tende a reverberar no teor do conteúdo dessas produções. Assim, nessa modalidade de *podcast*, ao contrário de um Ampliação Tecnológica de origem radiofônica, a escolha das temáticas relaciona-se aos interesses pessoais dos sujeitos, os quais se desvinculam de

uma lógica mercantil, a partir da qual as possibilidades de lucro financeiro tenderiam a determinar os temas abordados.

Como se vê dos quesitos expostos, as falas dos *podcasts* Produção Original costumam seguir critérios notadamente mais plurais, abarcando, além dos modos de produção tradicionais, timbres diversos, nos quais as falas são marcadas por um tom mais coloquial, gírias específicas<sup>15</sup> e até uso de palavrões, pouco comuns ou ausentes em produções radiofônicas. Essas singularidades são positivas, não por um pretense entendimento de que programas que veiculem palavrões ou gírias sejam melhores que outros que não o façam. Na verdade, é possível dizer que não são melhores, tampouco piores em razão disso. Tal prática, encontrada em *podcasts*, é aqui exposta como positiva por abarcar de modo mais amplo a diversidade de valores, fundamental a uma leitura de mundo que considere sua diversidade (FREIRE, 1971).

Desse modo, vale afirmar que tão nocivo educativamente quanto haver exclusivamente a expressão de linguagens com o uso de gírias e/ou palavrões seria não haver o contrário: a utilização de modos de fala que não façam uso de tais construções. Nesse sentido, a ampliação de formas de expressão observada nos *podcasts* Produção Original potencializa as possibilidades de contextualização da linguagem utilizada em cada cenário educativo, dentro ou fora de contextos escolares.

Além disso, como já sugerido, as pequenas demandas produtivas acabam por igualmente reduzir, no *podcast* Produção Original, a exclusão de temas periféricos, propiciando, em geral, uma abordagem temática ampliada naqueles em comparação à modalidade Ampliação Tecnológica. Essa afirmativa sustenta-se por meio de uma observação da *podosfera*<sup>16</sup> brasileira, na qual se encontram *podcasts* comerciais – de formato análogo ao de falas radiofônicas tradicionais –, como o do Banco do Brasil<sup>17</sup> e da cooperativa médica Amil.<sup>18</sup> No entanto, além desses, há a presença larga de programas como o *Nerdcast*, com temas relacionados, entre outros, à História, à Literatura, às Ciências e aos quadrinhos.<sup>19</sup> “Rolando 20”,<sup>20</sup> relacionado a RPGs;<sup>21</sup> “Opencast”,<sup>22</sup> que discute *softwares* livres; “Guileite”,<sup>23</sup> que fala sobre tecnologias da *Apple*;<sup>24</sup> “Decodificando”,<sup>25</sup> sobre tecnologia na biologia e informática; “Papo de gordo”,<sup>26</sup> discutindo questões de obesidade e “Dentro do armário”,<sup>27</sup> que fala sobre homossexualidade. Esses são apenas mais alguns exemplos que ilustram a diversidade típica do *podcast* na modalidade Produção Original, em comparação com os aspectos próprios do modelo Ampliação Tecnológica.

O teor produtivo do *podcast* Registro constitui sua natureza, na medida em que as falas dessas produções direcionam-se, como já exposto,

a situações, em geral, de atenção exclusiva, seja em sala de aula ou palestras, seja em cenários semelhantes. Desse modo, o teor dessa categoria de *podcasts* costuma ser marcado por falas menos céleres, mais formais pelo contexto de origem, por gravação de menor qualidade técnica (por não ocorrer em um ambiente controlado), bem como por maior duração e dificuldade de entendimento, caso a fala registrada esteja articulada com expressões gestuais. Apesar disso, o uso da edição pode propiciar alterações atenuantes desses fatores, seja pelo corte das pausas da fala, pela parcial remoção de ruídos digitalmente, ou mesmo pela inserção de explicações acerca de passagens confusas da fala original registrada em *podcast*.

Em vista disso, mais do que a utilização prevista, o formato utilizado, ou o intento de um programa, e o modo de produção acabam por constituírem-se como o principal fator a determinar as características gerais, relevantes à educação, de um *podcast*. Esse fator é observável na contraposição de *podcasts* de diferentes tipos, de acordo com a classificação proposta. Assim, a fim de desenvolver mais metodicamente a classificação aqui oferecida, é necessário analisar mais detidamente cada uma de suas categorias.

#### *PODCAST* AMPLIAÇÃO TECNOLÓGICA

Entre as modalidades de *podcast*, os da categoria Ampliação Tecnológica apresentam-se costumeiramente como de elaboração mais simplificada. Afinal, como foi elucidado, trata-se da transposição de um material já elaborado. Dessa forma, constitui-se de uma produção híbrida, formada pelas características da tecnologia original aglutinadas ao modo de distribuição e acesso do *podcast*.

O *podcast* Ampliação Tecnológica necessita, a princípio, apenas da conversão do áudio analógico para o formato digital. Esse procedimento pode efetivar-se pela simples conexão entre computadores e dispositivos de áudio analógico: tocadores e gravadores de fitas cassete de áudio, discos de vinil, videocassete ou aparelhos de televisão e semelhantes. Associado aos dispositivos citados, demanda-se a utilização de *softwares* de gravação de som, muitos deles gratuitos, como o Audacity.<sup>28</sup>

Embora se trate não da elaboração, mas da captura de falas já em exercício em outros contextos, a possibilidade de edição, como já exposto, não é ausente nesse tipo de *podcast*. Ela pode ser utilizada para dar celeridade ao conteúdo; melhorar a qualidade técnica do áudio, por processos digitais de remoção de ruídos, equalização sonora<sup>29</sup> ou de potencialização de volume; dividir o conteúdo por blocos, ou mesmo em diferentes programas; remover pausas sem valor expressivo, além de possibilitar a exclusão de

trechos irrelevantes, de modo a manter-se apenas as partes que se revelam pertinentes para ser transpostas para *podcast*.

Alguns desses usos são aproveitados por *podcasts*, como “No Divã com Gikovate”,<sup>30</sup> recorte da programação da rádio CBN constituído pela coluna do psicanalista Flávio Gikovate. Nesse programa, a edição seleciona determinados trechos de conteúdo radiofônico para disponibilização em *podcast*. Essa produção associa-se, ainda, a um sistema de comentários por meio de sua página, inserindo, assim, potenciais de troca de contato entre produtores e ouvintes. As possibilidades citadas encontram-se tipicamente ausentes no uso original de programas de rádio.

### *PODCAST* REGISTRO

A modalidade de *podcast* aqui tratada poderá ser aproveitada a partir do uso apontado por Moura e Carvalho (2006) e que consiste no acesso prévio, por parte dos alunos, às aulas cujo conteúdo não costuma mudar de um ano para o outro, como Química ou Matemática. Em vista da prática referida, o professor pode dedicar mais tempo e atenção aos discentes, individualmente, em sala de aula.

O caráter mais simples desse tipo de *podcast*, como citado anteriormente, não deve, porém, ser entendido como sinônimo de desleixo na produção técnica dos episódios. Afinal, caso desconsidere as demandas por celeridade advindas de seu modo de audição, um *podcast* Registro pode resultar em um material pouco interessante aos usuários se simplesmente gravar e puser no ar a fala de algum palestrante.

Em razão disso, vale salientar que nenhum tipo de *podcast* implica necessariamente a ideia de material desinteressante, pois é sensato conceber que materiais ricos podem ser produzidos em *podcasts* Registro, Ampliação Tecnológica ou Produção Original. A relevância dessas realizações irá depender da forma de produção do programa, considerando as particularidades de cada modalidade de *podcast*, bem como sua adequação ao contexto de uso.

A perspectiva apontada é sustentada pelas observações de Laing, Wotton e Irons (2006), em estudo sobre o uso do *podcast* na educação, mediante experiências realizadas na *School of Computing, Engineering & Information Sciences*, da Universidade de Northumbria, no Reino Unido, e na *School of Medical Sciences*, na Universidade RMIT, na Austrália. Segundo os autores, existe a necessidade do entendimento, por parte dos produtores do material, das características peculiares do formato *podcast*. Essas características, concluem, serão marcantes na determinação dos potenciais educativos de um material produzido por meio daquela tecnologia. Em

outras palavras, caso não sejam consideradas as peculiaridades do *podcast*, uma produção nessa tecnologia poderá propiciar potencialidades educativas pouco significativas.

A percepção apresentada pode ser estendida a outros contextos, como a disponibilização de determinados materiais em áudio demasiadamente antigos e que já são considerados antiquados. Apesar de a citada valoração não poder ser aplicada a qualquer material, como ocorria em tempos passados, é provável que diversas aulas em fitas cassete, ou mesmo o áudio de velhas videoaulas transformadas de fitas VHS, acabem contendo material obsoleto, inadequado ao uso do *podcast* em seu contexto atual. Embora na teoria apresente uma proposta interessante de suporte à sala de aula, na prática o uso das referidas produções pode constituir *podcasts* pouco atrativos, morosos e de baixa qualidade técnica, o que comprometeria sua aplicação educativa.

#### PODCAST PRODUÇÃO ORIGINAL

Os *podcasts* Produção Original possuem forte inserção na Internet. Isso se justifica, em grande parte, por essas produções serem realizadas considerando, desde o princípio, as peculiaridades da tecnologia. Não à toa, despertam cada vez mais interesse em um número crescente de ouvintes. A inclusão massiva supracitada é perceptível nas eleições realizadas pela Internet para a escolha dos melhores *podcasts*. Tanto no certame brasileiro Prêmio *Podcast* 2008,<sup>31</sup> quanto no *The Best of Blogs*,<sup>32</sup> realizado pela empresa estatal alemã de mídia *Deutsche Welle*, todos os vencedores foram do tipo Produção Original. A afirmação estende-se aos *podcasts* vencedores na categoria educação no prêmio nacional: *aperteF5*,<sup>33</sup> *PodOffice*<sup>34</sup> e *EscolaBR*.<sup>35</sup>

Essas produções, como a maioria dos *podcasts*, são geralmente ouvidas, como relatado por pesquisas da área, em situações de atenção dividida: momentos de espera, deslocamentos em transportes públicos ou privados, ócio em uma fila ou mesmo durante a realização de atividades domésticas. As situações apresentadas denotam um cenário diferente daquele de sala de aula, reproduzido, como já exposto, em *podcasts* Registro.

No contexto usual da escuta de um *podcast*, os usuários apresentam uma atenção parcial ao conteúdo, por estarem geralmente alertas a fatores do ambiente, como a sua vez na fila, a chegada de seu ônibus, a lembrança do destino a que se dirige, o fim do momento de ócio no trabalho. Tais situações são notadamente distintas da sala de aula, local onde, apesar das naturais dispersões dos alunos, há um contexto elaborado para propiciar condições as mais indicadas para a permanência da atenção do aluno às falas de professores

e colegas nas práticas escolares. A circunstância exposta acaba por ressaltar a importância da cessão de uma maior atenção ao modo pelo qual são veiculadas informações no *podcast*; ou seja, importa considerar o cenário de atenção dividida da audição daquelas produções a fim de evitar, pelos ouvintes, a perda de conteúdos importantes veiculados em cada episódio.

Dessa maneira, a consideração da fragilidade de atenção na escuta acaba também por reforçar a necessidade de dinâmica dos *podcasts* Produção Original, mediante a aplicação de um ritmo leve e ágil, propiciado tanto pela aplicação de um tom mais expressivo e menos formal aos programas quanto pelo uso da edição. Nesse sentido, vale levar em conta a assertiva de Marques (2009), quando afirma que “manter o interesse do ouvinte é o primeiro objetivo que deve guiar a construção do *podcast*” (p. 130). De forma similar, Foschini e Taddei (2006, p. 26) recomendam: “Evite despejar uma avalanche de dados por segundo sobre o ouvinte. Procure ser redundante, mas de forma inteligente. A repetição existe para assegurar que a mensagem seja compreendida”.

A preocupação em propiciar produções dinâmicas é acentuada também pela distribuição do *podcast*, feita por demanda. Em programas de rádio ou TV, os ouvintes e telespectadores, ainda que não achem interessante determinado programa, em geral acabam ocasionalmente a cruzar novamente com aquele conteúdo no “zapear” da troca de canais e emissoras. Dessa maneira, aquelas produções contam com diversas oportunidades para conquistar o público. Na verdade, não seria inadequado dizer que muitas vezes o hábito de ouvir determinado programa, ou assisti-lo, é despertado menos pelo mérito do conteúdo e mais pelo constante contato do usuário com o material, reproduzido à exaustão pelas emissoras.

Na distribuição por demanda, todavia, os usuários precisam ir ao encontro do conteúdo. Portanto, é válido afirmar que se um *podcast* não despertar a atenção do ouvinte já na primeira audição, dificilmente terá outra chance de conquistá-lo, tendo em vista que o usuário deverá novamente buscar o acesso ao conteúdo por *download*. A procura em questão, presume-se, possui poucas chances de ser feita se direcionada a um programa que inicialmente não se revelou interessante ao ouvinte.

A busca pela captura do referido interesse acaba relacionando-se também ao uso de um tom mais coloquial e bem-humorado no tipo de *podcast* em questão. Essa abordagem costuma agradar aos usuários, gerando neles vontade pela escuta dos programas, aspecto fundamental a um uso educativo do material. O tom menos formal acaba sendo aplicado mesmo àqueles *podcasts* voltados ao ensino de conteúdos técnicos, temas, a prin-

cípio, tidos como sisudos. Um exemplo dessas iniciativas menos formais é o *Guanacast*,<sup>36</sup> relacionado aos conteúdos da área de informática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incipiência dos estudos sobre a utilização educativa do *podcast* demanda a ampliação da discussão sobre classificações relativas às suas modalidades de uso. Nesse exercício, uma análise das proposições vigentes que se prestam a esse objetivo acaba por revelar a ausência de critérios coerentes em suas elaborações. Por essa razão, emerge a relevância da construção de uma estratégia de classificação pautada por critérios uniformes e articulados com as utilizações vigentes do *podcast*.

Observando-se como o modo de produção atua de modo fundamental na determinação da natureza das produções em *podcast*, é possível elencá-lo como critério básico de classificação dessa tecnologia. Por esse direcionamento, torna-se possível o oferecimento de uma proposta de classificação mais rigorosa.

A partir desse referencial, os *podcasts* podem ser classificados em três tipos: o *podcast* Registro diz respeito à captura de falas realizadas em aulas, palestras, cursos e afins; o da modalidade Ampliação Tecnológica refere-se à transposição de materiais de outras tecnologias – como programas de rádio ou CDs educativos – para o *podcast*; por fim, o *podcast* Produção Original consiste de um programa elaborado originalmente para *podcast*, considerando, assim, desde o princípio, as características particulares dessa tecnologia.

Relacionando-se as classificações elaboradas à *podosfera* atual, percebe-se que a utilização do *podcast* revela-se aquém de suas possibilidades, se restrita a apenas uma modalidade de uso. Considerando a utilização escolar, é possível afirmar que, embora o *podcast* Registro apresente importantes possibilidades distributivas para conteúdos diversos – como aulas e palestras registradas e distribuídas on-line –, essa tecnologia não pode ser resumida a isso. Tampouco o *podcast* deve se restringir ao seu caráter de ampliação tecnológica – limitada a produções já existentes, ou mesmo ao tipo Produção Original –, o que impossibilitaria o aproveitamento de materiais ricos derivados de outras origens tecnológicas, ou mesmo de falas relevantes realizadas em aulas, palestras ou cursos.

Desse modo, levando em conta cada modalidade apresentada, a estratégia de classificação exposta desvela os potenciais educativos do *podcast*, por meio da consideração criteriosa de suas diversas formas de uso,

primeira e essencial etapa para a elaboração de propostas de uso daquela tecnologia na educação.

---

#### BUILDING A STRATEGY FOR THE CLASSIFICATION OF PODCASTING IN EDUCATION

**ABSTRACT:** The undeveloped character of the strategies of classification for podcasting in the field of education is a reflection of its newness. Based on the as yet scant literature in the field, this paper which originated in the thesis, *Podcasts in Brazilian education: nature, potentiality and implications of a communication technology*, analyzes the classifications made by Medeiros (2005) and Carvalho (2009), noting the consistency of their criteria and their relationship with the possibilities for educational use of this technology. This analysis, allied to an observation of the scenario of social use of such technology and research in the field, will serve as input for the preparation of a new draft of a classification of podcasts, based on the conclusion that consistent criteria, coordinated with the various current ways of using this technology, are an initial requisite if it is to be considered in educational practices.

**KEYWORDS:** Podcast. Educational technology. Classification. Digital orality.

---

#### CONSTRUCCIÓN DE UNA ESTRATEGIA DE CLASIFICACIÓN PARA *PODCASTS* EN LA EDUCACIÓN

**RESUMEN:** La incipiencia del *podcast*, tecnología de oralidad distribuida bajo demanda, marca el carácter poco desarrollado de las estrategias de clasificaciones referentes a esa tecnología en el ámbito de la educación. Partiendo de la aún parca literatura del área, este artículo, proveniente de la tesis *Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação* (*Podcast en la educación brasileña: naturaleza, potencialidades e implicaciones de una tecnología de la comunicación*) busca analizar las clasificaciones presentadas por Medeiros (2005) y Carvalho (2009), observando, para eso, la coherencia de sus criterios y la relación de ellos con las posibilidades de uso educativo de la tecnología en cuestión. Tal análisis, acompañada de la observación del escenario de uso social de esa tecnología y de investigaciones del área, servirá de subsidio para la elaboración de una nueva propuesta de clasificación de *podcasts*, realizada a partir de la conclusión de que, para eso, se necesitan criterios coherentes y articulados con los diversos modos actuales de utilización de aquella tecnología, aspecto inicial de su consideración en prácticas educativas.

**PALABRAS-CLAVES:** Tecnologías de oralidad. Tecnología educacional. Clasificación. Oralidad digital.

---



## NOTAS

1. KUNZE, Beatriz. Entrevista oral (via *podcast*) concedida a Eugênio Paccelli Aguiar Freire. Maio de 2011.
2. Cabe ressaltar que a consideração do *podcast* para surdos no presente artigo delimita-se à sustentação da análise da natureza oral peculiar da tecnologia aqui tratada, detentora também da escrita para a expressão de oralidade. Nesse direcionamento, a abordagem da língua das pessoas surdas, a língua dos sinais, por exemplo, fugiria ao escopo deste estudo, pois, dado o caráter visual daquele meio expressivo, tal procedimento remeter-se-ia a produções em *videocast*, tecnologia centrada em imagens. Ainda é possível afirmar que, no que diz respeito à questão da subjetividade de pessoas surdas no tema em análise, a configuração específica da modalidade de realização oral pelo *podcast* para surdos aqui tratado acaba por balizar os sujeitos, independentemente de suas capacidades auditivas. Isso se deve à perspectiva de relativa similaridade no contato com o código escrito entre ouvintes e deficientes auditivos. Por essa razão, esclarece-se que o aprofundamento do exame de um *podcast* voltado para pessoas surdas deverá caber a pesquisa posterior.
3. Tradução nossa da frase "*podcasting* is a method of making audio or video content available regularly via the Web". *Web* refere-se à parcela da Internet referente aos sites (conteúdo da *World Wide Web*, ou *www*). Não confundir Internet com *web*, pois, além do "*www*", existem sistemas de armazenamento de arquivos (FTP), de chat (IRC), de compartilhamento de dados (P2P) e afins.
4. Disponível em: <http://deimos3.apple.com/indigo/main/main.xml/>
5. Segundo dados da *Podpesquisa*, última grande pesquisa sobre o uso de *podcasts* no Brasil, realizada em 2009, a maioria dos ouvintes (66,74%) escuta os programas enquanto executam outras tarefas. Disponível em: <http://www.podpesquisa.com.br/resultado/>. Acesso em: 23 abr. 2013.
6. Disponível em: <http://cbn.globo.com/servicos/podcast/NOME.htm/>
7. Disponível em: <http://radiobandeirantes.com.br/podcast.asp/>
8. Disponível em: <http://tv1.rtp.pt/multimediahtml/area.php?page=podcasts&canal=at1/>
9. Formato de áudio digital.
10. Foram utilizados como referência dados brasileiros, colhidos do último concurso realizado de modo a aferir as audiências dos *podcasts* no Brasil, o "Prêmio *Podcast*", realizado em 2009. Disponível em: <http://premiopodcast.com.br/>
11. Disponível em: <http://jovemnerd.ig.com.br/nerdcast/>
12. Entre esses concursos podemos destacar o prêmio brasileiro "IBest 2008", "Melhores da Websfera" em 2010 e 2011, além do internacional "The Best of Blogs 2007".
13. Disponível em: [www.escribacafe.com/](http://www.escribacafe.com/)

14. Como exemplo podem ser citados termos como “megaboga” – referente a uma qualificação positiva efusiva –, ou mesmo apropriações de expressões estrangeiras, como *whatever*, que, em tradução livre, aproxima-se da expressão “tanto faz”.
15. Termo que se refere ao cenário do conjunto de *podcasts* produzidos e veiculados.
16. Disponível em: [http://www.bb.com.br/portalbb/page3,136,3993,0,0,1,8.bb?codigoNoticia=11650&codigoMenu=198&codigoRet=8264&bread=4\\_4/](http://www.bb.com.br/portalbb/page3,136,3993,0,0,1,8.bb?codigoNoticia=11650&codigoMenu=198&codigoRet=8264&bread=4_4/)
17. Disponível em: <http://www.podtersaude.com.br/>
18. De modo a ilustrar algumas das temáticas abordadas, podem ser citados os episódios: 117 – Brinquedos dos Anos 80; 119 – Batman nos quadrinhos; 191 – Os santos pecados das Cruzadas; 205 – Teogonia da Mitologia Grega; 229 – Duplilpensamentos sobre 1984; 244 – A alvorada da Era Nuclear; 249 – Evolução artificial da Seleção Natural.
19. Disponível em: <http://www.rolando20.com.br/>
20. Tipo de jogo em que os jogadores assumem os papéis de personagens e criam narrativas de modo colaborativo.
21. <http://www.ubuntero.com.br/2011/03/opencast-episodio-1/>
22. <http://www.guileite.com/>
23. Empresa de informática responsável por produtos de inserção mundial, como o tocador de MP3 *iPod*, o telefone *iPhone* e o *iPad*, computador portátil com comando por toque em sua tela. Mais informações em: [www.apple.com/](http://www.apple.com/)
24. <http://www.decodificando.com.br/>
25. Disponível em: <http://www.papodegordo.com.br/>
26. Disponível em: <http://pt-br.paperblog.com/podcast-dentro-do-armario-6-43894/>
27. Disponível em: <http://audacity.sourceforge.net/?lang=pt/>
28. Modificação dos parâmetros de um som, tornando-o, por exemplo, mais grave ou agudo, além de alterar características como volume.
29. Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/colunas/no-diva-do-gikovate/NO-DIVA-DO-GIKOVATE.htm/>
30. Disponível em: <http://www.blog.premiopodcast.com.br/?p=71/>
31. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Bobs/](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Bobs/)
32. Disponível em: <http://apertef5.com.br/>
33. Disponível em: <http://www.podoffice.mypodcast.com/>
34. Disponível em: <http://www.podcast.sitedaescola.com/>
35. Disponível em: [www.guanabara.info/guanacast/](http://www.guanabara.info/guanacast/)

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. A. M. de. Entrevista de orientação acadêmica [oral]. Entrevistador: Eugênio Paccelli Aguiar Freire. Natal, 2007.

\_\_\_\_\_. Entrevista de orientação acadêmica [oral]. Entrevistador: Eugênio Paccelli Aguiar Freire. Natal, 2012.

ASSIS, P. de; SALVES, D.; GUANABARA, G. O *podcast* no Brasil e no mundo: democracia, comunicação e tecnologia. SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/psicolog/ABCiber2010podcast.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B.; LISBÔA, E. S.; COUTINHO, C. P. Podcast e Vodcast: o potencial da ferramenta VoiceThread. ENCONTRO SOBRE PODCASTS, 2009, Braga. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9423>>. Acesso em: 25 out. 2012.

CARVALHO, A. A. A. Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia. *Ozarfaxinars*, n. 8, 2009. Disponível em: <[www.cfaematosinhos.eu/Podcasts%20no%20Ensino\\_08.pdf](http://www.cfaematosinhos.eu/Podcasts%20no%20Ensino_08.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2012.

CEBECI, Z.; TEKDAL, M. Using *Podcasts* as Audio Learning Objects. *Interdisciplinary Journal of Knowledge and Learning Objects*, 2006. Disponível em: <<http://ijklo.org/Volume2/v2p047-057Cebeci.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. Podcast. *Coleção conquista a rede*, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.qprocura.com.br/dp/30387/Podcast-Colecao-conquista-arede.html>>. Acesso em: 25 out. 2012.

FREIRE, E. P. A. O *podcast* como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, RS, v. 24, n. 40, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacao-especial/article/view/2028/0>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

KUNZE, B. Entrevista oral [via *podcast*] concedida a Eugênio Paccelli Aguiar Freire, maio de 2011.

LAING, C.; WOTTON, A.; IRONS, A. iPod! uLearn? INTERNATIONAL CONFERENCE ON MULTIMEDIA AND INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN EDUCATION, 4, 2006, Sevilha. Current Developments in Technology-Assisted Education. 2006. Disponível em: <<http://podcasting.thefutureoflearning.googlepages.com/514-518.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

MEDEIROS, M. S. *Podcasting*: Um antípoda radiofônico. ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 2005. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/20112/1/Macello+Santos+de+Medeiros.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

MOURA, A.; CARVALHO, A. A. Podcast: Uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. In: JOSÉ, R.; BAQUERO, C. (Eds.). *Proceedings of the conference on mobile and ubiquitous systems*. Guimarães: Universidade do Minho, 2006. p. 155-158. Disponível em: <<http://ubicomp.algoritmi.uminho.pt/csmu/proc/moura-147.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

PRIMO, A. F. T. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. *Intertexto*, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26568>>. Acesso em: 25 out. 2012.

WILLIAMS, B. *Educator's Podcast Guide*. Washington: ISTE, 2007. Disponível em: <<http://www.breitlinks.com/podcastsforlearning/PodcastPDFs/EducatorsPodcastGuide.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2012.

---

EUGÊNIO PACCELLI AGUIAR FREIRE: Graduado em Comunicação Social/  
Jornalismo; Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal  
do Rio Grande do Norte.  
E-mail: [paccellifreire@gmail.com](mailto:paccellifreire@gmail.com)

---